

RESENHAS

Imagens memoráveis

Roberto Heiden*

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

A publicação no Brasil do clássico *A Arte da Memória* de Frances Yates, traduzido a partir do original *The Art of Memory*, amplia o acesso a essa importante obra. O texto de notória qualidade e erudição é fonte de referência no campo de estudo e pesquisas em memória.¹ No seu prefácio, a autora relata que o escreveu a partir da necessidade de compreender os sistemas mnemônicos elaborados por Giordano Bruno no Renascimento. O interesse de Yates se deu a partir da visão que Bruno tinha de uma espécie de memória mágica. Os sistemas dele estariam calcados em imagens do zodíaco e relacionados a outras dimensões surgidas a partir da sua compreensão ou percepções do tempo e do espaço, o que denota a crença deste homem do Renascimento em um universo regido por uma espécie de forças e movimentos ocultos, revelando um sistema de pensamento curioso e hermético.

No campo das ciências humanas é sabido que os processos de memorização e a própria constituição da memória, tem grande efetividade a partir das relações que são percebidas entre os fatos, as imagens e os lugares. Joel Candau (2006, p. 38), por exemplo, nos lembra que ao esquecermos a origem de alguém, normalmente, a primeira questão que colocamos é algo do tipo: de onde lhe conheço? O que se está a falar aqui a partir destas considerações, é das especificidades da memória humana, no que diz respeito à forma com que o indivíduo normalmente a usa, em consequência de situações

* Professor do Instituto de Ciências Humanas da UFPEL, mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (ICH/UFPEL).

¹ *A Arte da Memória* foi traduzida para o Brasil por Flavia Bancher, compondo a coleção “Espaços da Memória” da Unicamp. A coleção está voltada a publicação de obras de referência nos estudos da memória.

efetivamente vividas. Esta dimensão mais casual da memória difere de como se estruturou a memória e a rememoração por meio de estratégias utilizadas na Antiguidade e em outros períodos da história, e são justamente essas práticas que Yates busca recuperar em seu livro.

A autora explica que a arte da memória foi consolidada pelos gregos através de várias gerações. Em seus primórdios, esta prática se baseava em regras de memorização de idéias ou de palavras, de maneira a se relacionarem em pensamento, com lugares, imagens e estruturas, muitas vezes imaginários. Isso permitia ao portador destes “complexos memoriais” a reprodução de longos discursos, sem que perdesse informações ou a sua ordenação, na medida em que os recuperava para a fala. O pioneirismo na sistematização das mnemotécnicas teria sido do poeta grego Simônides de Ceos. Os passos de desenvolvimento da *arte da memória* anteriores são desconhecidos.

Filósofos como Platão e Aristóteles foram conhecedores da arte da memória. Por meio de ambos consolidou-se a metáfora da memória como uma tábua de cera onde imagens poderiam ser demarcadas. Aristóteles levou em conta a arte da memória na medida em que a assimilou junto a sua teoria do conhecimento, considerando que o mesmo se constituía a partir dos sentidos, especialmente o da visão, ao contrário de Platão, para quem o conhecimento era não necessariamente dependente da realidade, porém, ainda assim, projetável sobre ela. O pensamento de Aristóteles foi muito influente para a arte da memória na Idade Média, enquanto Platão influenciou sobretudo o a arte da memória no Renascimento.

O livro de Yates está baseado principalmente em três fontes latinas que tratam sobre a retórica: a *Institutio Oratoria* de Quintiliano, o *De Oratore* de Cícero e o *Ad Herennium*, de autor desconhecido. Foi, portanto, sendo compreendida como parte da retórica, que a arte da memória inicialmente foi assimilada pela cultura européia. É com Simônides de Ceos que Yates começa seu livro, por ser este o mito fundador da arte da memória (esta história é relatada nos textos de Cícero e de Quintiliano). Na narrativa mítica Simônides, exímio orador contratado por Scopas, o anfitrião, ao recitar passagens de sua vida em um banquete, é subitamente interpelado por Castor e Polux, os semi-deuses gêmeos. Ele ausenta-se do lugar por alguns minutos, tempo suficiente para que

escapasse ileso do desabamento que destrói o lugar. Considerando que todos haviam morrido no sinistro e que os corpos se apresentavam irreconhecíveis, coube a Simônides, lembrando-se do lugar em que cada um dos comensais estava sentado, identificá-los junto aos familiares. Simônides recorreu à associação entre lugar (*loci*) e imagem (*imago*). Calcado nesta experiência, o acontecimento trágico deu ao poeta a compreensão dos meios para a técnica de uma *arte da memória*: ou seja, para esta prática - a mnemotécnica - deveriam ser criados “lugares” dispostos em uma determinada ordem, e estes lugares seriam ocupados por “imagens impressionantes”.

Estando a memória classificada como um ramo da retórica, as técnicas mnemônicas na Roma clássica desenvolveram-se também ligadas à oratória, sendo a retórica sobretudo utilizada em julgamentos. Os romanos constantemente se valiam de técnicas mnemônicas que relacionavam imagens e lugares na memória, especialmente para defesas. Essas imagens constituíam o mapa de pontos que o orador desejava destacar. O orador as decorava e seguia em imaginação. As imagens em si eram, necessariamente, imagens visuais, embora a conexão entre as imagens decoradas e os pontos que o orador queria recordar não fossem necessariamente visuais. É notória a relação de similaridade para o processo de rememoração entre o método dos romanos, e a forma como o poeta grego lembrou-se da disposição dos comensais mortos, na tragédia que presenciou.

O texto de Quintiliano apresenta diretrizes gerais da arte da memória. Este texto está acessível em trechos reproduzidos por Yates em seu livro. Quintiliano diz que para a arte da memória os “lugares são escolhidos e marcados segundo a maior variedade possível”, tudo o que for notório “é digno de nota e cuidadosamente gravado na mente”, para que o “pensamento possa percorrer todas as partes sem hesitação ou impedimento”. Quintiliano recomendava: o que deve ser lembrado deve estar “marcado por um signo para lembrá-lo”, “isto feito, quando se deve reavivar a memória, parte-se do primeiro lugar para recorrer todos os outros, buscando aquilo que foi confiado a cada um e que a imagem ajudará a recordar” (YATES, 2007, p. 40-41). É possível nos arriscarmos a imaginar um orador da Antiguidade proferindo seu discurso e percorrendo mentalmente os ambientes dessa construção memorizada!

Ao que parece, a discussão sobre a arte da memória estaria esgotada com os exemplos postos pelo livro nos seus primeiros capítulos, que são os que analisam as bases

fundantes desta arte, na Antiguidade. No entanto, a arte da memória se modificará na Idade Média. Foi basicamente influente neste período o *Ad Herennium*. A arte da memória passou a se aproximar de uma espécie de dever moral e religioso. Com ela ter-se-iam os meios para que fossem lembradas as dimensões do bem e do mal, do céu e do inferno e todos os seus aspectos, em um contexto comum aquele onde surgira o imaginário medieval, ilustrado, inclusive, pela arte do período. Poderá ter havido influência da arte da memória, como sugere Yates (2007), na obra de Giotto e de Dante? A autora nos diz que “essa arte interior, que encorajou o uso da imaginação como um dever, deve ter sido, certamente, um fator preponderante na evocação das imagens”, (p. 138) e pertinentemente pergunta:

Seria a memória uma explicação do apreço medieval pelo grotesco pela idiosincrasia? Seriam as estranhas figuras nas páginas dos manuscritos e em todas as formas de arte medieval não tanto a revelação de uma psicologia torturada, mas antes a evidência de que a Idade Média, quando importava aos homens recordar, seguia regras clássicas, a fim de criar imagens memoráveis? (p. 138)

Santo Agostinho, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Ramon Llull e até mesmo Petrarca (re)desenharam a arte da memória no período. Em paralelo, os métodos da educação clássica perderam influência e com isso os oradores, e também a retórica (com a qual a memória estava ligada), perderam importância. Por sua vez, a memória passou a ser considerada próxima da ética ou da prudência, sendo relacionada até mesmo com elementos espirituais. Ramon Llull, envolto e atuante junto a este contexto de mudanças, produziu uma aproximação de elementos vindos das crenças e da realidade, materializando um sistema dotado de movimento, que não se enquadrava mais na lógica comum à arte da memória da antiguidade, na medida em que não somente recuperava os fatos, porém, também esperava Llull, poderia se “obter respostas” a partir dele.

Yates fala que no Renascimento a arte da memória terá novas influências e transformações, diferentes daquelas que sofreu na Idade Média. O Humanismo descobriu a cultura grega e latina, que foram base de suas elaborações, lançando mãos de textos como os de Cícero, Quintiliano e o *Ad Herennium*. Porém, é preciso pontuar que os métodos que estimulavam a dimensão retórica da arte da memória, como aquela descrita

no texto de Quintiliano, não chegaram a se embrenhar com força entre os eruditos. Erasmo de Roterdã, por exemplo, via-os como um resquício da Idade Média. Segundo Yates (2007), “no século XVI, a arte da memória parece estar em declínio. O livro impresso destrói os velhos hábitos da memória”, porém “a arte da memória realmente entrara em uma nova e estranha fase de sua vida, pois ela havia sido integrada à principal corrente filosófica do Renascimento, o movimento Neoplatônico inaugurado por Marsilio Ficino e Pico della Mirandola, no final do século XV” (p. 169). Como decorrência, surge aí uma espécie de tradição de cunho hermético e místico. Neste contexto, a arte da memória tem acrescentada a ela uma espécie de dimensão epistemológica que, na opinião de Yates seria mais do que teoria filosófica abstrata, e sim, manifestação de uma maneira diferente de encarar a memória.

Nesse sentido, o Teatro da Memória de Giulio Camillo constitui-se em uma interessante visão do mundo e da natureza das coisas, pelo qual por meio dele todos seriam capazes de falar sobre qualquer coisa. Yates fala que Camillo escolheria para organizar seu teatro de memória, imagens tidas como perfeitas pois, só assim, “estariam habilitadas por um espírito angélico e não poderia haver tal perfeição sem alma”. Deste modo, se assim o fosse, captar-se-ia a “alma” do que era “recordado” e novas descobertas seriam permitidas através da sua contemplação. Camillo acreditou que o teatro da memória poderia ser utilizado como fonte independente de conhecimento. No entanto, foi a partir das versões do sistema mágico de Giordano Bruno que ocorre uma transformação significativa na *arte da memória*, realizada a partir da junção da tradição retórica com a arte de Ramon Llull. Como vimos, Giordano Bruno inventou uma espécie de memória mágica, rompendo com a influência maior da *arte da memória* tradicional, tendo assim outras possibilidades, para além da recuperação de elementos do passado. Em épocas posteriores a arte da memória seguiu na pauta de muitos intelectuais europeus, e exerceu influência na cultura científica destes mestres. Tardiamente Robert Fludd, por exemplo, continuou a tradição hermética renascentista e faz sua defesa de um sistema - um teatro - de memória “oculto”.

Outros pensadores revolucionários passaram pela arte da memória, o que fez a sua prática não cair no esquecimento, apesar das revoluções sociais em ação, que afetavam diretamente a relação do indivíduo com o capital de coisas que ele tinha a memorar. Descartes, por exemplo, queria um método mais simples do que aqueles que até a ele chegaram, e se questionava se não era mais eficiente usar causas no lugar das imagens, uma vez que uma causa poderia ser responsável por inúmeras possibilidades e, também, seria mais prático e menos “volumoso” recordá-las. Descartes entendeu que o método de articulação ordenada de coisas e lugares poderia ser mais pertinente se permitisse leituras mais precisas, diferentemente do que esperava, por exemplo, Giulio Camillo que, nas palavras de Fentress e Wickham (1992), valorizava o “excedente de significado simbólico” que os qualificaria como “fontes de conhecimento”. Francis Bacon foi praticante da arte da memória tradicional e a defendeu como um possível instrumento de pesquisa. Porém, na sua perspectiva, os elementos poderiam ser memorizados e, em pensamento, passarem por processos de análise e comparação. Nesse contexto, a arte da memória sofreu mais transformações, consolidando-se agora não mais como método de memorização apenas, mas como uma espécie de instrumento para investigação e possível produção de novos conhecimentos e solução de problemas, a partir de respostas que deveriam ser mais precisas e calcadas na materialidade das coisas.

Além de Bacon e Descartes, com Leibniz, a arte da memória está novamente engendrada ao pensamento de um gênio. Ele avançou em uma proposta que combinava a organização de coisas e lugares de forma relacionada para rememoração e também, para a obtenção da solução de problemas ou de respostas. No entanto, a sua prática avançava em relação às anteriores, em grau de complexidade. Leibniz conheceu e estudou algumas das vertentes da arte da memória e diversas de suas fontes. A experiência foi importante para a elaboração de seu maior projeto que seria, na prática, o desenvolvimento de um instrumento pelo qual o ato de pensar seria substituído por uma espécie de “cálculo”. Para efetivar seu projeto era necessário que todos os conceitos fundamentais do pensamento humano fossem listados e, após, eles deveriam ser associados a imagens. Respeitando uma ordenação e seqüência de passos estipuladas, a partir de uma lógica específica e própria deste “sistema”, os problemas ou as respostas solicitadas poderiam ser obtidos.

Todas essas idéias e métodos parecem não ter sobrevivido à era moderna, ao desenvolvimento da ciência, da imprensa e da tecnologia, assim como aos novos paradigmas do conhecimento. No entanto, não podemos avaliar o trabalho e as pretensões de mestres como Leibniz, Bruno, Camillo e outros, como absurdas ou

dissociadas dos principais movimentos a eles contemporâneos. Apesar de percorrerem caminhos diferenciados, esses sujeitos estavam dentro do espírito da nova era da ciência, aberta à abstração do conhecimento. Da mesma forma, a memorização de elementos a partir de complicadas associações entre imagens e lugares imaginários, aparentemente demasiado complexa, não pode ser compreendida apenas como esforço intelectual desnecessário. Para o homem que viveu por muito tempo em um mundo sem a palavra impressa, equipamentos eletrônicos, e outros tipos de tecnologias, foi importante o uso dos seus recursos mentais e a assimilação de estratégias que melhorassem o rendimento da memória necessária a sua vida social. O estudo de Yates nos mostra que as origens de diversas mnemotécnicas mais ou menos elaboradas e eficazes, se dão em contextos diferentes do nosso, ou seja, em sociedades onde a cultura passa em grande parte pela oralidade, ou lugar de vigência de outros paradigmas de conhecimento, além de outros contextos falados ao longo do texto. Yates finaliza seu livro dizendo que:

Pode-se considerar que o estudo sério dessa arte esquecida apenas começou. Tais objetos de estudo não têm atrás de si, no momento, um arcabouço de pesquisa moderno e organizado. Eles não fazem parte de currículos usuais e, portanto, são omitidos. A arte da memória é um caso claro de tema marginal, não reconhecido como parte de nenhuma disciplina corrente, omitido por não ser atribuição de ninguém. Mas ela acabou por se tornar, em certo sentido, atribuição de todos. A história da organização da memória toca em questões vitais da história da religião, da ética e da moral, da filosofia e psicologia, da arte e literatura, do método científico. A memória artificial como uma parte da retórica pertence à tradição da retórica, e a memória como faculdade da alma se relaciona a teologia. Quando refletimos sobre as profundas associações de nosso tema, começa a não ser mais surpresa que o seu estudo tenha aberto novas perspectivas a respeito de algumas das grandes manifestações da nossa cultura. (p. 481)

A arte da memória, seja como um instrumento que se utiliza, ou como algo que se conhece, constitui-se como uma peculiar face do campo da memória e se mostra de fato como tema de pesquisa dos mais significativos. O livro de Frances A. Yates nos mostra diferentes formas da memória dispersas nas sociedades ou na materialidade do mundo. Resta-nos tentar compreender mais as suas múltiplas dimensões.

Referências

CANDAU, Jöel. **Antropologia de la memoria**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2006.

FENTRESS, James e WICKHAM, Cris. **Memória Social: Novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.